

quaisquer aproximações.

Não se quer aqui reafirmar o parricídio ao qual se refere Eduardo Lourenço (1999), mas da percepção de que há vínculos tênues que, talvez, reconduzam esse pai à situação de “ausência presente”, numa perspectiva quase prometaica: por mais que se negue este pai, ele, na manhã seguinte, ressurgue com ou sem abutres, para lembrar o filho de sua existência e ascendência.

Este trabalho tem como objetivo traçar os caminhos já iniciados para a explicitação dos pontos de contato ou dos possíveis encontros entre as duas culturas, procurando, pelo viés de dois exemplos da produção cronístico-literária de João do Rio, encontrar a medida das relações recíprocas entre os Brasil e Portugal e entender como este autor, num momento particular da história, circunscreve sua visão a respeito desse outro que para ele se estabelece. O autor, ao escrever sobre suas viagens a Portugal, será objeto de uma análise que visa estabelecer como o olhar do viajante recupera vínculos perdidos e apagados da história das duas nações.

Inicialmente, o ponto de partida será o discurso desse autor a respeito do que encontra, do que vê e sente ao pisar um solo estrangeiro carregado de heranças e legados e, sobretudo, o processo afetivo no qual o autor em questão mergulha ao estabelecer contato com aquela “nova” terra, não na perspectiva da relação colonizado/colonizador ou daquele que vai em busca das luzes européias, mas na do viajante que, por motivos vários, vai em busca de novos saberes, de novas experiências e de novas vivências.

E como todo discurso existe em confronto com outros discursos, com uma história e com uma ideologia, tentar-se-á também demarcar como João do Rio já aponta para dizeres que não coadunam com a visão corrente na época em que escreve, a saber a de um Brasil que já apagara Portugal da memória e tentava produzir aspectos culturais próprios e independentes.

Portugal d’Agora e Fados, Canções e Dansas de Portugal, os furtos das viagens de João do Rio a Lisboa e que aqui serão analisados, estão, de alguma forma, vinculados ao subgênero *literatura de viagens*, uma vez que o olhar descritivo, com o intuito de estabelecer um entendimento amplo do novo espaço,

a partir da visão de um estrangeiro, constituem características das narrativas de viagens. Em função desse aspecto, proceder-se-á a um dimensionamento das questões referentes aos textos de viagens.

Aquilo que determina ou caracteriza o gênero “literatura de viagem” é muito mais uma questão atribuída a esta modalidade do que necessariamente uma qualidade que lhe seja intrínseca. Em outras palavras, há textos que tratam de viagens e não constituem o recorte literário aqui discutido e aqueles que mesmo não discutindo a viagem especificamente, mas trabalhando à borda dos costumes, dos hábitos e particularidades do outro estarão plenamente inseridos no contexto daquilo que se escreve em termos de viagens. Assim, trata-se muito mais de um material em que o que está em ênfase seja justamente o modo e a relação que a literariedade, o viajante, a viagem e o público leitor mantêm entre si e com o tema discutido.

A viagem em si é sempre entendida como deslocamento, partida de um lugar específico e chegada a outro em que, de alguma forma, os elementos encontrados ganhem um relevo e uma particularidade capazes de serem transformados em conteúdo literário. Seja pelo deslumbramento ou êxtase, seja pelo desencanto ou mal-estar do viajante. Como exemplo, decorrente desta concepção, tem-se todo o acervo documental-literário acerca das viagens de expansão ultramarina e os pontos de vista dos cronistas e descobridores, que formam o que de mais imediato se relaciona com literatura de viagens.

Em seu texto “Para uma teoria da Literatura de Viagens”, Fernando Crisóstovão, ressalta que a abordagem dispensada pelos autores dessa modalidade textual às viagens vincula-se a certo imaginário cultural e normalmente está condicionada a um universo de significação particular, que conduz o modo de o viajante olhar, perceber e relatar o que vê. Dentro dessa perspectiva e operando no entendimento do conteúdo aplicado às narrativas, o autor propõe cinco submodalidades textuais, em que a viagem seja o centro da questão: viagens de peregrinação, de comércio, expansão, imaginárias e, por último, de erudição, formação e serviços. Atentaremos para o último modelo, já que este melhor reflete os textos literários que são objeto desse trabalho.

Cristóvão declara que as viagens de erudição, formação e de serviço são um resultado do espírito humanista e de integração, tanto dos viajantes quanto de seus leitores. Tais percursos operam de forma contundente nos viajantes, uma vez que o que a viagem lhes desperta é a vontade de conhecer o novo espaço e de serem motivados intelectualmente por este, como veremos em João do Rio. A perspectiva dessas viagens também se constitui de forma diferente daquelas mais típicas (comércio e expansão), pois o que nelas está em questão não é aventura, a conquista ou a afirmação da dignidade e da superioridade ideológica, técnica ou científica do viajante, mas justamente um desejo de romperem os espaços da terra natal, partindo para a compreensão e para o encontro de caracteres não existentes em seu país. Quer-se, portanto, encontrar fora aquilo que não se tem dentro. O interesse pelo exterior se estabelece na medida em que o narrador dos textos de viagens contribui para a renovação cultural dos leitores de sua própria pátria, fazendo-os tomar ciência de um novo horizonte de culturas.

João do Rio, em seus dois livros sobre viagens a Portugal – *Portugal d’Agora e Fados, Canções e Dansas de Portugal* –, trabalha no sentido de contribuir para a transformação da visão que, inicialmente, o carioca tem a respeito da ex-metrópole. Por outro lado, cuida também informar aos patrícios aqui estabelecidos a respeito do que se passa em terras européias. A viagem de João do Rio, muito mais do que relato jornalístico, avança então para o narrar acontecimentos, conhecimentos e experiências, como também para o explicitar do quanto a intelectualidade portuguesa já operava para a destituição da imagem do português “bronco”, já então corrente no Brasil daquela época.

Embora seja também uma viagem de serviço, ressaltamos que os objetivos de João do Rio se sobrelevam ao saber informativo e efêmero do texto jornalístico e se lançam para o espaço de perpetuação de um dizer e de um conhecimento a respeito dessa nova terra que o cronista se dispõe a conhecer. Essa viagem ao conhecimento do novo, da nova cultura, passa da visão pessoal ao olhar do *flanêur*, que contrariando conceitos, mergulha no espaço lusitano, que como o Rio de Janeiro, é tomado para si.

Nessa diferença há a percepção de que relações precisam ser estreita-

das de forma que o fluxo de conhecimento, cultura, história e de identidades entre os dois países possa ser restabelecido sem as marcas passadas ou sem os típicos revanchismos.

Cabe agora procurar estabelecer como os textos de ambos os autores estão denotando a lógica da viagem, como também o que nos dois autores e consequentes textos revela as relações que aqui se quer detectar.

Um carioca em terras lusitanas

Talvez um dos mais controversos autores da cultura e da Literatura Brasileira, conhecido por sua posição quase deificante no que dizia respeito à cidade do Rio de Janeiro, em inícios do século XX, tenha sido João do Rio, carioca até no pseudônimo. Pseudônimo – e quase personagem literário-jornalístico - criado por Paulo Barreto (1881–1921), João do Rio foi um dos que mais se dedicou a dar vazão, voz e espaço a uma cidade emersa no burburinho da vida moderna decantada pela *Belle Époque*.

Iniciador no Brasil da crônica social moderna, coube a Paulo Barreto a criação de um estilo jornalístico pautado na reportagem, na apreensão do fato jornalístico in loco, dando início a uma nova forma de se compreender a notícia. A ele cabe também a elevação da crônica à esfera de gênero que se torna independente do texto jornalístico, justo por que seu discurso tendia a estetização, fugindo à normatividade, à atenção fatural e ao rigor então típicos da produção jornalística nacional daquela época.

Afastando-se do olhar positivista que permeava a imprensa nacional, João do Rio dará lugar à construção de um texto muito calcado na percepção da vida moderna que então se instalava no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que era um entusiasta do *glamour* da alta sociedade, desfilava uma ironia fina sobre a classe que naquele momento já passeava nas novidades automobilísticas e que adquiria “manias” europeizadas e, logicamente, inadaptáveis à realidade carioca de então. Não porque não fosse afeito à Europa e aos seus costumes, mas porque achava os hábitos aqui desenvolvidos deslocados dentro de um todo, cujo único

laivo de velho mundo eram a Rua do Ouvidor e a Avenida Central. Num outro extremo, realizará uma radiografia das entranhas do submundo carioca de então, a fim de localizar a “alma encantadora das ruas”, tendo como consequência desse passeio a produção de crônicas, como as reunidas em *As religiões do Rio*, de 1906, e de contos, como os de *Dentro da Noite*, de 1910, ambas as obras com a clara preocupação de trazer ao espaço burguês de leitura a experiência dinâmica e moderna sintetizada na e pela rua, como o próprio declara:

a “rua” foi para mim o lugar do acontecer moderno na cidade do Rio de Janeiro. Era nesse espaço que explodiam todas as relações sociais e políticas. Nela, o sentimento e a razão se encontram e travam sua batalha decisiva. Eu amo a rua. Esse sentimento da natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós (Rio *apud* Rodrigues, 2000, p. 107-108).

Como observador da vida moderna, João do Rio assumia a postura do *flanêur*, o transeunte desavisado que passeia pelas alamedas, galerias e boulevares, a amar a cidade e o seu burburinho. A esse respeito – sobre o *flanêur* e a *flanerie* –, fala Walter Benjamin:

a rua se torna moradia para o *flanêur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura em óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apóia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente (Benjamin, 1989, p. 35).

Em outro aspecto, João do Rio resgata atualiza o “modo moderno de ser” ao perseguir, com seu olhar crítico, aquilo que Oscar Wilde perpetuará enquanto figura moderna e recorrente em seus textos: o dândi. Este se constitui-

ria como uma forma consciente e elaborada de recusa da vida burguesa, cuja essência aristocrática exacerba a diferença do ser e de ser, numa sociedade já tendente a imposição de padrões e a massificação de modelos. O suposto posicionamento “apolítico” do dândi advém do fato de se achar superior aos demais membros do corpo social, não tendendo a um comportamento influenciado pela esquerda, mas por sua postura alheia, compartilha com o pensamento direitista e reacionário; neste sentido, o dândi nega a família, a paternidade, a procriação, uma vez que esses são princípios de uma igualitariedade e de uma mediocridade das quais não quer compartilhar. Exalta o celibato, o ócio e a vagabundagem e os eleva a um patamar de resistência consciente. Assim, quer destacar-se no vestir, no pensar e no uso ostensivo que faz de suas posses como marca de uma identidade superior a tudo que o rodeia. João do Rio, nesta esteira, ganhará relevo dentro do panorama jornalístico carioca justo pela forma que tem de olhar aquilo que será matéria de seus textos: o afastamento do *flanêur* frente ao mundo e a superioridade do dândi ao pensar o *locus* em que se insere, mesmo que se considere que a vida burguesa era um dos focos de atenção e encanto do autor de “O Bebê da Tarlatana Rosa”.

E nesta perspectiva observadora, de inserção no espaço cosmopolita que, em 1908, João do Rio realizará a sua primeira viagem à Europa, tendo como porta de entrada Portugal. Na condição de repórter da *Gazeta de Notícias*, sua viagem terá como objetivo a composição de um conjunto de crônicas a respeito da realidade portuguesa daquela época, com a particularidade de que o que seria priorizado era justamente o olhar de um brasileiro, repórter, sobre a vida mundana, cultural e política do antigo descobridor e colonizador.

Por outro lado e em função da numerosa colônia portuguesa residente no Rio de Janeiro, sua viagem visava dar contas do que estava ocorrendo em Portugal no momento sucedâneo ao assassinato do rei (1908); quando de novo retorna à Lisboa, em 1910, preocupa-se também em registrar os acontecimentos da recém-nascida república, fato este explícito no prefácio ao seu *Portugal d’Agora – Lisboa antes da República*, reunião das crônicas publicados na *Gazeta de Notícias*, que veio a público em formato de livro em 1911. No volume estão

expostas as impressões do viajante carioca deambulando por Lisboa, sintetizadas na série de artigos e crônicas escritos durante sua estadia em Lisboa nos quais demonstra seu apreço pelo país, pela cidade e pela vida cultural portuguesa. Nele também se encontra, segundo Orna Messer Levin, uma das primeiras iniciativas, no século XX de se estabelecer a idéia de comunidade lusofônica, da qual João do Rio era um entusiasta ferrenho. A sua ida a Portugal tem a função objetiva de tentar estabelecer novas proximidades e de esclarecer os brasileiros – via os formadores de opinião de então, os cariocas – sobre a necessidade de se (re)conhecer a realidade portuguesa sob um outro prisma:

ocorria-me escrever algumas impressões dos homens e das coisas, para os jornais do Brasil. Tinha a impressão de que estava a ver bem porque escrevia apenas o que sinceramente sentia. A vida é cada vez mais jornalismo e ilusão de ver bem é a mais generalizada das ilusões nestes tempos ásperos de juízos instantâneos (Rio, 1911, p. 7).

Outro objetivo de sua viagem e dos relatos que irá construir a esse respeito é fruto do ideal de reavivamento das relações entre Brasil e Portugal concebidas e imaginadas por João do Rio: o esclarecimento do público leitor carioca a respeito daquilo que realmente constitui o estado português, seu povo e suas tradições. Crê que seu papel seja o de contribuir de alguma forma para a destituição do ranço, do preconceito e dos estereótipos criados em ambas as nações com relação a outra. Seu desejo é o de minimizar as diferenças que podem de alguma forma impedir que o processo de estabelecimento de laços culturais se dê, tudo isso feito pelo viés da informação e do esclarecimento, únicas formas capazes de efetivamente eliminarem as resistências de ambos os lados:

os brasileiros têm uma idéia muito vaga e um pouco irônica do que é a beleza de Portugal e do que são sua sociedade, a sua arte, a sua cultura. Em compensação, os homens de letras portugueses e os homens de governo e os jornalistas, tinham uma idéia nublada, nebulosa, vaga e fantástica de um país, onde ao pé de uma árvore de ouro, havia enganadoramente amarela a febre atroz, que mata em poucas horas. Os portu-

gueses que voltam pouco próprios são para dizer com verdade o que é o Brasil. Tornam-se de alma mista, dada ao exagero (Rio, 1911, p. 245).

A *flanerie* a que se dedica na Europa terá também outro fruto literário, Fados, Canções e Danças de Portugal, onde em vez crônicas sobre a viagem a Europa, faz uma antologia de canções folclóricas e fados tradicionais portugueses. Por outro lado, a sua segunda ida ao velho continente será também oportunidade para estabelecer contatos editoriais tanto com os Irmãos Lello quanto com a Livraria Garnier, uma das responsáveis de primeira hora pela edição dos textos de João do Rio. Nesta obra o autor expõe o fascínio do viajante pela cultura e pelo folclore portugueses, por um lado, e a necessidade da existência de materiais dedicados ao público português residente no Rio de Janeiro. A publicação desse livro contribuiu para que João do Rio torne-se uma personalidade respeitada pela colônia portuguesa residente no rio, tanto pela tarefa de trazer ao registro caracteres culturais ainda não catalogados, quanto por mostrar na sua iniciativa um sentimento verdadeiramente afetuoso sobre a pátria de Camões:

assim achei que ao público devia dar este livro feito de impressões ligeiras. É o único livro de um brasileiro sobre Portugal, e de um brasileiro que, certo do futuro da sua pátria, ama fervorosamente Portugal (Rio, 1911, p. 15).

Ambas as obras celebram os laços de proximidade entre duas culturas e ao mesmo tempo marcam uma ruptura: um escritor brasileiro tornando explícito ao seu país aquilo que lhe é exterior e a afirmação de uma nacionalidade brasileira, baseada na experiência que este cronista teve da experiência de olhar de fora, sem que isso o faça deixar de vislumbrar as possibilidades de resgatar no espírito nacionalista e patriótico dos portugueses os exemplos necessários para que o Brasil se perpetuasse no contexto internacional do início do século XX.

O olhar de João do Rio não é o do desterrado ou o do exilado, mas o do viajante/*flanêur*: observador desterritorializado que a tudo observa e registra. A viagem para o autor de *Dentro da Noite* é um estágio necessário à formação do homem moderno, do cidadão do mundo. João do Rio, altamente ambientado às questões de seu tempo e inserido no contexto burguês carioca, expõe

na crônica "O Homem que Viaja" todo o seu apreço e vontade em ir além, de ir "beber na fonte" de todos os modismos e tendências copiadas pelo *high society* de então. A viagem, para ele, é a única condição para que efetivamente possa sentir-se inserido num contexto em que viajar/ir revela a importância intelectual, moral e social do sujeito no momento de sua volta:

o homem que viaja é o ser dominante de momento universal. A época descobriu na nevrose dos esportes a idéia esportiva de obrigar cada homem a conhecer todo mundo, enquanto o universo não se transforma na fantasia burlesca do diálogo de Musset. O homem que não viaja é um desprezado, um desclassificado, e eu, que não viajara, vendo todo dia amigos partirem e amigos voltarem, tendo que informar aos cavalheiros interessados, que realmente ainda não me fora possível ir dar uma volta, enervava-me de modo esquisito (Rio, 1911, p. 5).

A chegada de João do Rio a Lisboa é cercada por um sentimento semelhante ao dos cronistas que ao Brasil vieram: a perplexidade; e o mesmo deslumbramento do colonizador são retomados na postura de um viajante brasileiro ao avistar a capital portuguesa. O Éden imaginado pelos navegadores se subverte e converte na natureza cultivada da cidade, na grandeza da megalópole moderna e em tudo aquilo que ela oferece de sedutor:

todo meu ser se embebia de uma natureza muito sonhada mas jamais sentida. Não era o céu violentamente azul, não era a montanha numa congestão de verde sob a apoplexia solar do rio que eu deixara em pleno verão. Era um suavíssimo céu tão puro e transparente e infinito que lembrava carícias divinas sobre a terra doce; era a paisagem de tão gaias nuances e tão suaves declives e tão florido aspecto que mais parecia um jardim de encanto surgido após a tormenta como a ilha da bonança [...] (Rio, 1911, p. 31).

Em Lisboa, João do Rio reafirma seu fascínio pela cidade, pela vida cosmopolita, ainda que às vezes perceba-se numa cópia do Rio de Janeiro, posto

que encontra as mesmas deficiências, a miséria, a confusão típica da cidade. Embora embevecido pelo país que ora conhecia, o olhar irônico de João do Rio não se furta ao fato de reafirmar alguns dos estereótipos mais típicos atribuídos ao português: o fatalismo, o destino, o desespero. Por outro lado, o autor reconhece que a recíproca é verdadeira: à época de sua viagem, o Brasil era ainda visto como a ex-colônia “exótica”, excêntrica para portugueses, como para brasileiros o era ou é Portugal. E, de certa maneira, junto do embevecimento pelo novo, está também o sentimento irônico e estereotipado a respeito da nova terra e de seu povo:

à notícia dos tremores de terra na Itália, Lisboa agitou-se. Por mais irônico que seja o lisboeta, por mais dado à filosofia do fatalismo, sempre que em outro país treme a terra, o lisboeta sente um vago receio. E como a caridade é na sua essência, como sentimento regular e sem excesso, o medo que nos aconteça o que aos outros já aconteceu, Lisboa emocionada faz bandos precatórios (Rio, 1911, p. 87).

Na capital portuguesa, João do Rio se dedicará aos mesmos hábitos noturnos e vagueantes e boêmios, pelo olhar analítico e irônico, que caracterizaram sua vida intelectual e jornalística carioca. Da mesma forma, dispensará a Lisboa o mesmo carinho que mantém pelo Rio, a mesma paixão pela cidade e por sua vida típica:

afinal, certa madrugada, após uma ceia com homens de letras no Tavares, saindo para as ruas após a quentura do gabinete, senti pela primeira vez a sensação do inverno. [...] Mas o frio que os tolhia e entristecera, a mim fazia o efeito de ma ducha tonificante, dando-me energia, alegria. Sentia desejos de perambular pela noite inteira, de ir ver com aquela álgida escuridão as obras de Santa Engracia na Alfama, de rir e de dizer tolices (Rio, 1911, p. 73).

A abordagem de João do Rio enaltece Portugal, apesar de em nenhum momento fazer alusão ao fato desse país ter sido o nosso colonizador. Há nesse

posicionamento tanto o processo de encantamento pelo qual passa, quanto a visão deslumbrada e diplomática a respeito de um país recém-conhecido. Somma-se a isso o seu posicionamento ideológico “isento”, ou seja, que nem questiona o estatuto político da ex-metrópole com relação ao Brasil e nem o jogo político de conveniências travado entre as duas nações desde a Independência. A sustentação dessa posição está justamente no caráter informativo assumido pelas duas obras de Paulo Barreto ao que se aplica à colônia portuguesa carioca, mais interessada em se “atualizar” a respeito da sua terra, que necessariamente ler/ver nas suas crônicas alguma posição clara quanto aos eventos conturbados da morte do Rei ou das relações entre as duas nações. Mas contra aquela visão de deslumbre, surge também a idéia de que este “império colonial opulento” e sua história recente – a proclamação da República, em 1889 – inspiraria a Portugal na sua nova era. E inspirado na ex-colônia, construiria a sua nova história. Note-se que, considerando o juízo do João do Rio a esse respeito, ocorre um processo de subversão na ótica tradicional colonizador/colonizado e, consequentemente, na relação engendrada entre Brasil e Portugal:

o povo, sentindo a influencia indirecta que a república brasileira tivera no ato triunfante, aclamava o Brasil, mas os republicanos ainda não pensavam a aproximação urgente e racional que um republicano prognostica como só possível na república. Portugal não era todo com a mesma exaltação, mesmo porque a rivalidade das regiões escurecia um pouco o entusiasmo pela ação de Lisboa, mas o que era definitivo, claro, era ser a república, um fato definitivo (Rio, 1911, p. 13).

Em *Portugal d' Agora*, o entusiasmo e a crença no estreitamento de vínculos entre Brasil e Portugal é patente. Esse projeto de relações mais sensíveis entre os dois países será posteriormente melhor definido tanto no último capítulo do livro, particularmente na crônica “Relações luso-brasileiras” (p. 283-301) – na qual discorre a respeito das inúmeras possibilidades de contato possíveis de serem retomados entre os países em questão – quanto posteriormente nas edições binacio-

nais da revista Atlântida, editada por João do Rio e João de Barros (Portugal), com os auspícios do Itamaraty e do governo português.

Crê o autor de *Fados, Canções e Danças de Portugal* que o país que visita passa por um período de adormecimento que só findará no reconhecimento do elo que aproxima as duas nações, logo na criação de uma comunidade em que a lusofonia e os traços que irmanam as duas nações:

o renascimento não se fará amanhã, logo, mas far-se-á. E com Portugal ligado ao Brasil porque o nosso destino deve ser reproduzir no presente século a ação de mútuas influências e de valor que representam os Estados Unidos e a Inglaterra agora (Rio, 1911, p. 14).

O posicionamento de João do Rio a respeito dos laços “lusófonos” de certa forma é fruto de todo um pensamento corrente na época que visava ao restabelecimento das relações que ficaram estremecidas com inicialmente com a Proclamação da Independência brasileira, depois pelo antilusitanismo romântico e republicano e que tiveram seu ápice na expulsão da família real brasileira, de origem portuguesa, do Brasil, em 1889. Trabalhar para a união diplomática dos dois países seria restabelecer um encontro necessário às duas nações, num momento em que o país europeu se firma no novo contexto republicano e o sul-americano deseja situar-se dentro do rol dos países mais influentes da época. A única saída para ambos é reconhecer que sem uma ajuda mútua, sem um gesto de ligação cultural, diplomático e ideológico, as iniciativas de se afirmarem as identidades emergentes dos dois países seriam inócuas. A intenção de despertar na recepção de suas crônicas o desejo de ver esse estreitamento de laços se realizar é a grande tônica de *Portugal d'Agora*:

os poucos que o lerem no momento, não lhe devem dar mais valor que a uma reunião de crônicas ligeiras de observação breve escritas com uma grande ternura pelo país que lhes foi assunto e com um grande desejo de mais ligar dois povos que devem seguir juntos para o progresso (Rio, 1911, p. 15).

Em contrapartida, é percebido nos portugueses um intento semelhan-

te, pois aqueles também se apercebem da necessidade do reencontrar raízes comuns e, a partir delas, restabelecerem um encontro, pelo menos, em termos culturais, mesmo que esse elo ainda esteja fundado numa visão antiga, baseada num posicionamento em que o Brasil ainda é percebido como a ex-colônia, aquela cujo sucesso das ações políticas do século XIX muito mais do que causar o estranhamento ou despeito por parte de Portugal, lhe é motivo de orgulho. Reconhecer o Brasil como uma ação portuguesa bem sucedida é, de certa forma, o único caminho para o resgate das lembranças de um Portugal que já dominara territórios em cinco continentes e, conseqüentemente, para o resgate da auto-estima de um país imerso em um processo político conturbado para o qual não se vislumbra mais os possíveis êxitos:

há agora o movimento. Dias antes de embarcar contei cinco ou seis homens de letras com desejo de visitar o Brasil, fazer conferencias num país a respeito d'outro e vice-versa. No próprio dia em que deixava Lisboa, um jornalista dizia-me:

– Nós é que devemos fazer a propaganda do Brasil em Portugal; isto é a nossa própria propaganda. O Brasil é o desdobramento pujante do velho reino. É preciso que aqui todos saibam que jornais são os vossos, que cidades são as vossas, que cultura e que literatura são a desse país. Se fizermos isso, há mais quem faça para outras raças. E só conseguiremos perder a nossa maior glória viva (Rio, 1911, p. 254-255).

O estreitamento dos laços culturais se mostra, naquele momento, como o ponto fulcral sobre o qual se pode vislumbrar os resgates relacionais entre Brasil e Portugal. À intelectualidade cabe construir as bases para a formação dessas condições, para que o enlace se dê, principalmente em favor do patrimônio comum aos dois países: a Língua Portuguesa. Em outro sentido, o que ganha relevo no dizer de João do Rio a esse respeito é o fato de que as heranças coloniais aqui deixadas foram paulatinamente apagadas, seja no desmonte de um Rio de Janeiro colonial em nome da construção de uma cidade mais europeizada, seja no não-reconhecimento de que havia elementos positivos

na colonização portuguesa, que deveriam ser enfatizados e não diminuídos em sua importância. Resistir àquela altura à implementação de um projeto lusofônico seria incentivar uma visão preconceituosa de Portugal, baseada num aspecto ideológico que não seria oportuno no contexto em que ambos os países se encontravam naquele momento:

essa verdade reflete-se nos sintomas alarmantes da colonização. Nada mais sensato do que os escritores de ambos os países tornarem-se juntos para a conservação da língua, que é por enquanto, a falada no Brasil por vinte e cinco milhões de habitantes (Rio, 1911, p. 255).

Será na cidade do Porto que todo o sentido da viagem de João do Rio se estabelecerá definitivamente. É ali que as intenções editoriais, o desejo pela integração lusofônica e a definitiva adesão de autor "às causas portuguesas" se dão efetivamente. O Porto, mais que Lisboa, marcará a viagem de João do Rio, justo por que é neste espaço em que ele encontra o território fértil a suas idéias e às expectativas daquela viagem e, sobretudo, encontrará as semelhanças – povo, hábitos, modos de ser – com a cidade do Rio, fato que o sensibiliza profundamente. Esta cidade será o espaço para o contato de João do Rio com Guerra Junqueiro, o maior poeta português segundo o cronista, e com os irmãos Lello, como também com toda uma efervescência cosmopolita que não julgava encontrar na província. Embora provinciana, no pensar de deste viajante, a cidade do Porto para ele será o local em que encontrará mais viva a vida cultural e intelectual, como também contactará interlocutores capazes de com ele sonhar o universo possível de relações entre Portugal e Brasil, apesar de considerar que alguns, principalmente os comerciantes, só vêem nessas relações a possibilidade de aumento de negócios. De qualquer forma, cabe aos portuenses o reconhecimento da intelectualidade brasileira e daquilo que aqui era produzido nestes termos:

foram os Lello, de Porto, que puseram em moda em Portugal o Brasil mental. Esses Lello são duas criaturas encantadoras. Bons, meigos, honrados à antiga portuguesa, têm o precioso respeito e a veneração pelo

talento (Rio, 1911, p. 249).

O contato estabelecido por João do Rio com Guerra Junqueiro funcionará como o incentivo que faltava ao autor de *Portugal d'Agora* ao que diz respeito às suas idéias sobre os diálogos entre as duas nações e também a causa definitiva de todo o processo encantatório no qual mergulha ao conhecer Portugal. O cronista percebe em Junqueiro um entusiasta daquelas questões que, em termos de intelectualidade carioca, ainda só pertenciam a João do Rio; indiretamente, cabe ao literato português firmar a idéia de receptividade e de acolhimento já sentidos pelo autor de *Pall-Mall Rio*, como também fazê-lo sentir o quanto seu posicionamento pode ser oportuno aos interesses de ambos.

Contudo, percebemos em Guerra Junqueiro uma concepção um tanto emblemática no que diz respeito a como um intelectual português vê o Brasil: se realocaliza o mesmo sentimento de deslumbramento, de sensação de que essas terras constituem-se como o paraíso terrestre, ao lado de um sentimento paternal que percebe Portugal implicitamente estabelecido no modo de ser brasileiro e em tudo que a este se relaciona:

- O mestre tem um entusiasmo desvanecedor pelo Brasil.
- Porque a terra é moça, a terra da esperança, a terra onde todas as generosidades brotam sem esforço, onde a bondade pode ser pregada; porque nessa imensa extensão colonial vive Portugal, e aumenta e cresce; porque nessa magia de luz desdobra-se e cresce a língua portuguesa; porque cada português vê no brasileiro vencedor o filho feliz coroado de louro na subida da apoteose (p. 281).

Não pode deixar de ganhar relevo o posicionamento de Junqueiro a respeito da terra *brasilis*. Há nesse discurso uma espécie de transferência honrosa, de catarse portuguesa com relação à posição brasileira no panorama internacional; a visão neo-colonial em que Portugal “aumenta e cresce”, pela e na “vitória brasileira”. Embora entusiasmada e satisfeita, emana de sua fala o tom paternalista, que vê a ex-colônia como o reflexo tropical da nação

portuguesa, visão, inclusive, muito próxima da que assumira Gilberto Freyre nas suas teses sobre o Lusotropicalismo. Com certeza, o ânimo de João do Rio sobre essa assertiva deve-se em muito à disposição de Guerra Junqueiro ao estabelecimento de diálogos de caráter intelectual entre as duas nações e muito menos a sua perspectiva de retomada ou de reconhecimento de traços portugueses ainda vivos no interior da nação brasileira.

De forma alguma o que se pretende, em João do Rio, é apelar para relações cujo ponto de partida seja o reavivamento de um neo-colonialismo nos moldes do proposto anos antes pelas Conferências de Berlim, mas sim um intercâmbio em que situações discursivas, como colonizado e colonizador, não sejam os parâmetros a partir dos quais o trabalho relacional se inicie. De qualquer forma, aquilo que Guerra Junqueiro tem a considerar sobre nós marca profundamente o pensamento do autor de *Portugal d'Agora*, a ponto de deixá-lo intimamente "tocado" com o que houve: "dois dias depois deixava o Porto. A última frase ficou-me para sempre na memória. E também a recordação d'aquela noite de frio e estrelas em que Junqueiro na eternidade via o Brasil" (Rio, 1911, p. 282).

(In)certas relações

Esse deslumbramento carioca acerca do pensamento português deixará um fruto documental no conjunto de crônicas reunidas no livro aqui referido, tanto que a crônica que segue àquela que indica esse "encontro" de idéias portuguesas e brasileiras será, justamente, a que se intitula "Relações Luso-Brasileiras", uma enumeração de propostas acerca daquilo que pode e deve ser feito em termos de intercâmbio entre os dois países e que também se revela como um conjunto de considerações a respeito da viagem. Ressalta-se que a crônica em questão foi escrita em momento posterior a saída do autor de Portugal, fato que o faz refletir, já com algum afastamento, sobre o futuro das relações entre os dois países.

Nesta crônica, inicialmente, o autor estabelecerá comentários sobre como justificar ao público brasileiro em geral a respeito da necessidade de se

estabelecer uma verdadeira aproximação entre as duas nações. Ressalta que em muitas cidades brasileiras tal assunto configuraria-se como um despropósito em função do contingente migratório nelas estabelecido ou pelo fato de os imigrantes por ela recebidos serem em sua maioria portugueses. Assim, constituir-se-ia dois extremos: por um lado, não haveria interesse por não haver portugueses ou outros que por assuntos desse porte se interessem. De outro, para a excessiva presença portuguesa em cidades como o Rio de Janeiro ou como Belém do Pará, far-se-ia um exagero em função de que as colônias lusitanas ali localizadas orientarem as pautas jornalísticas dos principais periódicos.

Como, então, justificar a necessidade de implementação de tais relações? Como gerar o interesse sócio-político-cultural sobre uma nação que, mesmo falando a mesma língua que os brasileiros, absolutamente não representa para estes sulamericanos nenhum relevo? Como fomentar a necessidade da perpetuação de vínculos entre um Brasil que enxerga seu ex-colonizador com inferioridade?

João do Rio conclui essas considerações preliminares estabelecendo que há um certo espelhamento entre o Brasil e Portugal, ou seja, os brasileiros de então rechaçavam a possibilidade do encontro de interesses entre as duas nações justo porque se viam refletindo a mesma atitude dos portugueses para com os brasileiros. A essas considerações, seguem catorze propostas que trazem entre si sugestões cujo caráter compreendem o âmbito do comércio exterior, das relações diplomáticas, do transporte de passageiros e de carga, das leis e outros aspectos legais. Por outro lado, enfatizam-se, também, as trocas de caráter intelectual, turístico, editorial, jornalísticas, esportivas, lingüísticas, morais e, até mesmo, étnicas. A esse respeito, João do Rio comenta:

é um belo sonho. Apenas o movimento propulsor da metade d'esses encantos dependia do governo lusitano – como aliás, mesmo sem proposta, quase tudo – de um pouco da sua vontade (Rio, 1911, p. 293).

Há uma razão clara que subjaz a todo discurso de João do Rio a respeito das relações luso-brasileiras: a necessidade de satisfazer uma colônia portuguesa desejosa de ver seus interesses oficializados no resgate de uma glória passada que,

de alguma forma, se revela nos enlaces entre Brasil e Portugal.

Faz-se mister ainda configurar o contexto de um discurso tão particularmente entusiasmado como o é o de João do Rio. Tal dizer representa, de certa maneira, uma visão corrente entre os grupos pressão aos quais o autor em questão estava relacionado, sobretudo a uma fala corrente no meio político da então capital federal, fato que será plenamente confirmado quando em 1919, ao lado do Presidente Epitácio Pessoa, João do Rio integrará uma comissão responsável pelo fim da proscricção da antiga família real brasileira, o que possibilitará a vinda dos restos mortais dos antigos monarcas para Petrópolis. Além disso, a aproximação entre Brasil e Portugal contribuiria para a formação de um pensamento mais receptivo no que dizia respeito à República recentemente instalada em terras lusitanas, servindo como um exemplo positivo daquilo que dera certo, o que conseqüentemente também ocorreria com Portugal. Sobre tudo, esse apoio funcionaria como um claro posicionamento brasileiro para com a colônia portuguesa aqui instalada, notadamente formada por monarquistas, modificando assim a percepção da população de origem portuguesa com relação ao destino de seu país.

A entrada de João do Rio na Academia Brasileira de Letras, entidade que o receberá entre os seus no ano de 1910, conferirá a fala do até então jornalista, uma propriedade e um lugar que autoriza e dá importância elevada àquilo que declara em *Portugal d'Agora*. As crônicas deste livro, embora se refiram as viagens feitas nos anos de 1908 e 1910, embora tenham sido publicadas esparsamente na *Gazeta de Notícias*, somente vêm a público em forma de livro no ano de 1911, tempo suficiente para haver uma melhor adequação, por parte do autor, entre aquilo que escreve e o pensamento usual a respeito das relações luso-brasileiras.

Independente de o autor estar reproduzindo um pensamento cercado pelos mais variados interesses é relevante sua contribuição para a formação de uma reflexão acerca da necessidade de se restabelecer (ou não seria "criar"?) uma história de vínculos entre as duas nações. Ele, a seu modo, já lança as bases para a criação de uma genealogia tanto para o estudo de tais relações,

quanto para o das possibilidades de encontro entre duas culturas distintas unidas pela mesma língua.

Por outro lado, é interessante perceber a atualidade do discurso de João do Rio, que já percebera há noventa anos atrás o quanto se fazia necessário deixar as diferenças de lado em nome de semelhanças que mais somam que necessariamente dividem e que podem fazer “de Portugal e do Brasil dois grandes povos definitivamente ligados na grande obra de Vida e de Força” (Rio, 1911, p. 301). Como o próprio personagem criado por Paulo Barreto diz, é hora de se criar as condições necessárias para que Portugal e Brasil possam reavivar, numa outra perspectivas e partindo de outros paradigmas, laços há muito estabelecidos, mas pouco tensos.

Ou, como diria Fernando Pessoa, “é a hora!”.

Referências

ANTELO, Raúl. *João do Rio: o dândi e a especulação*. Rio de Janeiro: Taurus, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III - Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

CRISTÓVÃO, Fernando. *Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografias*. Lisboa: Edições Cosmos / Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 1999.

GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio: velas do vício, ruas da Graça*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

LEVIN, Orna Messer. *As figurações do Dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LOURENÇO, Eduardo. *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.

LEVIN, Orna Messer. O imigrante português na literatura naturalista brasileira.

In.: *Atas do 6º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Disponível em: <http://www.geocities.com/ail/levin>. Acesso em 05/10/2002.

ORLANDI, Eni P. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 1990.

RIO, João do. *Portugal d'Agora*. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, 1911.

RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. *A cidade e o poeta: o olhar de flâneur na Belle Époque tropical*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: uma biografia*. Rio de Janeiro: TopBooks, s/d.